**SÍNDROME DE HAFF: UMA DOENÇA EMERGENTE NO BRASIL**

**Bruna Fatori de Melo1\*, Maya Salbego de Castro2, Kerolay Bianca Lamêgo de Franklin3, Kevin Caio Richardson Pereira dos Santos4, Maria Júlia Venâncio Pereira Hostalácio5, Ana Clara Lucciola Couto5, Karen Stephanie Sebe Albergaria7.**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – FACENE – João Pessoa/PB – Brasil – \*Contato:**bfatori@hotmail.com**, ² Graduanda em Medicina Veterinária – UNIBAVE – Orleans/SC – Brasil, 3 Graduanda em Medicina Veterinária – UEMA – São Luís/MA – Brasil, 4 Graduando em Medicina Veterinária – UFRPE – Recife/PE – Brasil, 5 Graduanda em Medicina Veterinária – UNIBH – Belo Horizonte/MG – Brasil, 6 Médica Veterinária, Mestranda – UFRRJ – Seropédica/RJ – Brasil.*

**INTRODUÇÃO**

As doenças transmitidas por alimentos (DTAs) são causadas por patógenos que entram em contato com o organismo humano através de alimentos ou bebidas contaminadas e têm atraído atenção para a saúde pública em escala global, afetando até mesmo países desenvolvidos6. Os impactos gerados à saúde pública devido as DTAs contribuíram para o surgimento de pesquisas e bases de dados sólidas voltadas para a prevenção, das doenças4. A doença de Haff é considerada uma DTA, entretanto, diferente de outras patologias transmitidas por alimentos, ainda não possui sua etiologia identificada4. Apesar de não possuir causa definida, sabe-se que a porta de entrada do patógeno ocorre através do consumo de pescados de água doce contaminados². Devido ao elevado consumo de pescados no Brasil, a doença de Haff se tornou uma doença emergente no país, uma vez que o consumo de peixe é uma opção de carne com bom valor nutricional e apresenta vantagens econômicas ao consumidor, sendo substituto de carnes vermelhas que, comumente, tem valor elevado no mercado4. O objetivo do presente trabalho foi realizar uma revisão de literatura sobre a doença de Haff, buscando apresentar sua sintomatologia, diagnóstico, prognóstico, dificuldades na identificação da etiologia e os desafios que ainda estão presentes no combate da enfermidade.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizado um levantamento de informações acerca da doença nos seguintes bancos de dados científicos: Scielo, Google acadêmico, Pubmed e Ebsco, os critérios de inclusão foram: ser uma publicação indexada, ser um artigo finalizado, com limitação temporal de 2016 a 2021. Palavras-chave: Doença de haff, *Haff disease*, Rabdomiólise.

**REVISÃO DE LITERATURA**

As DTAs podem adoecer indivíduos ou até mesmo grupos, podendo gerar surtos, quando mais de uma pessoa apresenta sintomas semelhantes, após a ingestão de um mesmo alimento ou bebida contaminados por bactérias, toxinas ou até mesmo substâncias químicas6.

A síndrome de Haff é classificada como uma DTA emergente devido ao aumento súbito no número de casos identificados, embora sua etiologia seja desconhecida sabe-se que a intoxicação acontece a partir da ingestão de pescados (peixes, crustáceos e mariscos) contaminados e, diferente de outras DTA que podem ser evitadas com o cozimento do alimento, a doença de Haff já foi relatada pela ingestão de alimentos preparados em altas temperaturas4,5,7,10. Com o aumento do consumo da carne de pescados no Brasil (figura 1), os relatos sobre essa doença estão cada vez mais presentes em diversos meios de divulgação pelo seu curso rápido e mortal, porém, se diagnosticada de forma ágil, pode ser tratada e, com o auxílio da fiscalização e conscientização de consumidores e pescadores, também pode ser previnida4.

A Doença de Haff foi descrita pela primeira vez no Brasil no ano de 2008 na região norte do Amazonas9. Os sintomas comumente apresentados são: mialgia local ou difusa, fraqueza, êmese, náusea, urina amarronzada/hematúria, diarreia e dor abdominal e em casos mais raros pode ocorrer: dor nas articulações, tontura, anormalidades neurológicas, dor no peito, suor profuso, febre e dor ao respirar7.



**Figura 1 –** Consumo per capita de pescados no Brasil entre os anos de 1996 a 2020. Fonte: Seafoodbrasil, 2021.

A doença também pode ser descrita como um quadro inexplicável de rabdomiólise8. No diagnóstico clínico a doença está associada a uma elevação nos níveis séricos de creatinofosfoquinase e da mioglobina, que são considerados marcadores de necrose muscular, deixando a urina, da pessoa intoxicada, escura4,5,9. Quando o paciente apresenta esses resultados clínicos e existe a precedência de consumo de pescado nas últimas 24 horas, deve-se ser investigado para síndrome de Haff1,10. O diagnóstico é realizado pelo quadro clínico específico da doença, podendo ser correlacionado com os níveis de mioglobina e creatinofosfoquinase (CPK) total, elementos marcadores de necrose muscular9.

O risco não está diretamente associado ao consumo de peixes quando estes têm origem da aquicultura e passam pela fiscalização obrigatória, porém, a rastreabilidade dos animais advindos da pesca é complexa e pode trazer uma série de riscos ao consumidor e ao ambiente quando realizado de forma ilegal, como a transmissão de doenças5,6. O tratamento da doença de Haff baseia-se no controle dos sintomas por meio de fluídoterapia intensa, a fim de evitar lesões profundas nos rins, e administração de relaxantes musculares9. O prognóstico é reservado por possuir um curso agudo fatal, entretanto, o diagnóstico precoce e uma equipe treinada são essenciais para minimizar os danos causados pela toxina e possibilitar a reversão do quadro9.

No Brasil, os casos da Doença de Haff são de notificação imediata, acompanhados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)2. Em boletim epidemiológico publicado pela Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, o mês de novembro apresentou maior incidência de casos (80%) durante o segundo semestre de 2020 e observou-se 52,5% dos casos no sexo feminino e maior percentual entre pessoas de 50 a 59 anos (32,5%)3.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, é possível afirmar que ainda existem informações inconclusivas a respeito desta patologia e, por isso, faz-se necessário o desenvolvimento de novos estudos voltados à investigação da doença de Haff, principalmente pelo grande impacto social, econômico e ambiental que ela pode causar, como custos com tratamentos, diminuição no consumo de peixes, dentre outros prejuízos. As formas de prevenção e novas descobertas acerca desta patologia são de grande importância para a saúde pública nacional e mundial.

**APOIO:**

